

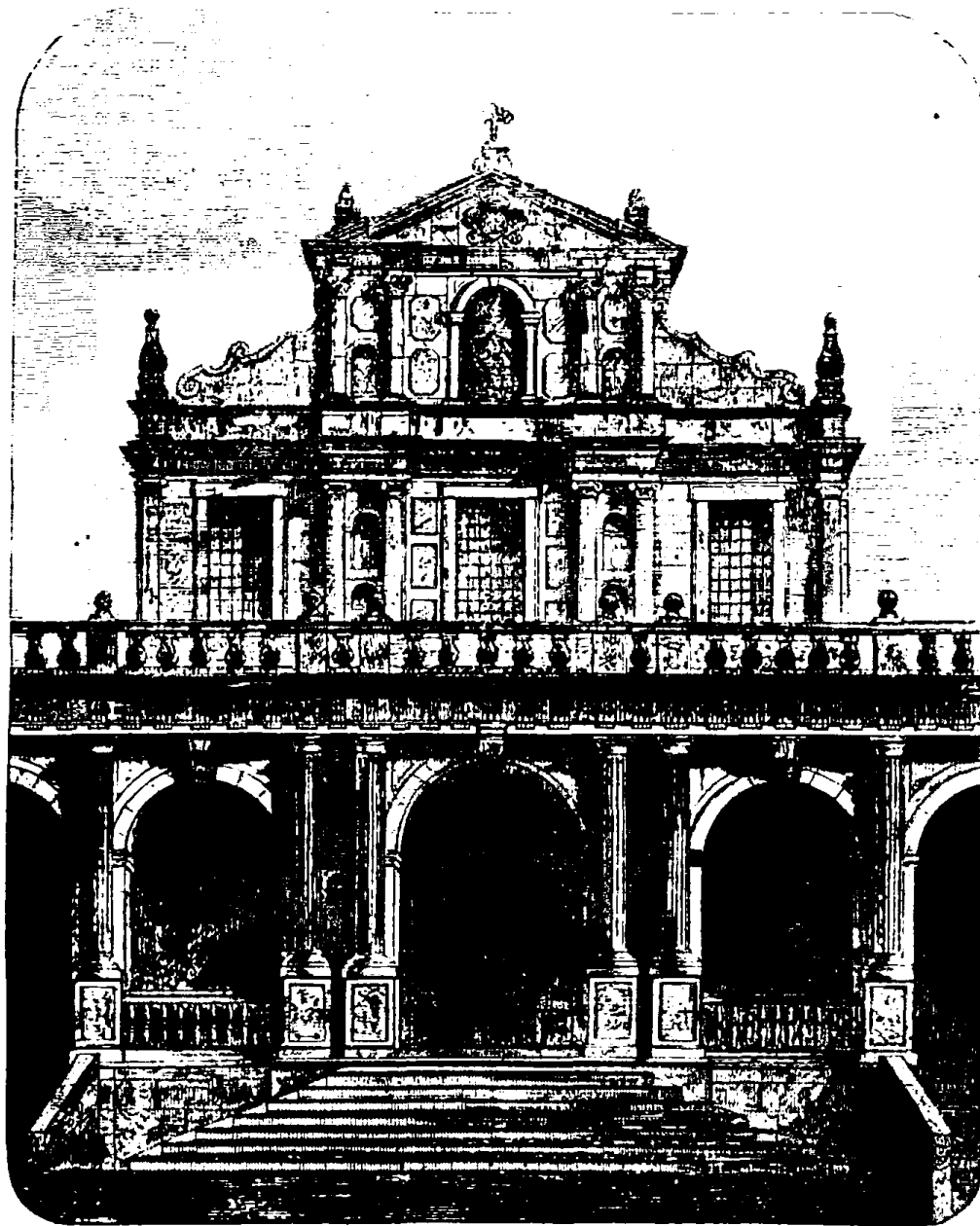
O Progresso Catholico

... sequor autem, si quo modo
comprehendam...

AD PHILIP. 3. 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA
LITTERATURA E ARTES

... ad ea quae sunt priora extendens melius
ad destinatum persequor, ad bravium
(triumphi Ecclesiae)... in Christo Jesu.
id. 13, 14.



A CARTUXA D'EVORA — FACHADA PRINCIPAL DO CONVENTO

SUMMARIO:

UM FACTO LAMENTAVEL, pela redacção. — SECÇÃO RELIGIOSA: *Dois palavras a proposito dos jesuitas*, (continuação), pelo Padre José Victorino Pinto de Carvalho. — SECÇÃO SCIENTIFICA: *Conferencias religiosas recitadas na Sé do Porto*, por Monsenhor Rodrigues Vianna, na Quaresma de 1883, III. — SECÇÃO HISTORICA: *Agua medicinal em Portugal*, pelo Padre Alfredo Elviro dos Santos. — SECÇÃO LITTERARIA: *Gracia, ou a Christã do Japão*, lenda historica, versão do Padre Lima. — SECÇÃO CRITICA: *O vestido da Sra.ª D. Maria Pia*, por J. de Freitas; *Triple-Alliança*, por Dom Antonio d'Almeida. — SECÇÃO ILLUSTRADA: *A Cartuxa d'Evora — fachada principal do convento*, por R. — SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA, por A. de Guimarães. — RETROSPECTO DA QUINZENA, por J. de Freitas. — *Boletim do monumento a Pio IX, o Grande*, XXXVI, por Teixeira de Freitas.

GUIMARÃES 30 DE JUNHO DE 1885

UM FACTO LAMENTAVEL

Não podemos qualificar com outro epitheto o grave desaccordo ultimamente manifestado entre o sr. bispo-conde de Coimbra e o jornal religioso a *Ordem*.

E' profundamente lamentavel tão triste occorrença pela origem, pelas pessoas, pela fórma, e pelos effeitos. Pela origem, porque foi, quem o diria, a brilhante academia com que o zeloso prelado inaugurara o estudo da philosophia christã de S. Thomaz d'Aquino, a causa remota d'esta desintelligencia; pelas pessoas, porque é um bispo, um mestre e um pastor que falla e ensina em nome de Jesus Christo, e uma redacção ou individuos que se impozeram a nobre tarefa de defender a verdade catholica, e as pessoas e cousas ecclesiasticas: pelos motivos porque nos parecem frivolos, ou pelo menos pouco ponderosos para tamanho alarme: pela fórma por que é insolita e incongruente: e finalmente pelos effeitos, que não podem ser mais desastrados e nocivos á causa religiosa.

Entristecem-nos estas contendas na imprensa entre dous apostolos que tem a mesma fé, que evangelizam a mesma doutrina e propugnam a mesma causa, quando a caridade não é paciente e benigna, ou quando obra temeraria e precipitadamente.

Fallando muito imparcialmente não nos agradou nem a medida rigorosa empregada contra o jornal, nem o proceder d'este para com o prelado.

Inaugurando o estudo utilissimo e tão recommendado da philosophia christã do anjo das eschololas, S. Thomaz, por meio d'uma academia para a qual convidou as maiores illustrações e capacidades litterarias, e as pessoas mais gradadas da sua cidade episcopal, fazia o zeloso prelado um relevante serviço á Igreja, e ao seu seminario, e tornava-se credor dos mais subidos louvores, não só da imprensa religiosa, mas de todos os bons filhos da patria.

Descrevendo porém a festa religiosa, o nosso presado collega da *Ordem*, com os seus desdens e ironias deslustrou-a e pareceu querer tornal-a até ridicula.

E' isto digno, é isto decoroso?

Não o entendemos tal. Com boa ou má vontade, bom ou mau grado seu, devia louval-a, porque era merecedora d'isso, pondo de parte ressentimentos, ou desgostos, se os havia. N'esta parte achamos justa a indignação do prelado, que não esperava, não devia esperar senão o louvor da boa imprensa, dos bons sacerdotes, seus subditos. Não era para se desdenhar o vivo empenho e justo regosijo com que o illustre prelado inaugu-

rava uma instituição utilissima. Não era tambem merecedora dos remoques do jornal religioso a pessoa dos oradores, e os discursos applaudidos que pronunciaram.

Já correm impressos os dous discursos do sr. bispo de Coimbra, e não lemos n'elles as phrases que lhe foram attribuidas e que se tinham por contrarias á sã doutrina, o que prova certa precipitação no julgar.

Póde bem ser que na impressão se mudasse alguma palavra ou corrigisse algum conceito, mas tambem podia o collegal enganar-se, ouvindo mal, ou sendo mal informado. Em todo o caso, agora que o discurso está dado á estampa, é por elle que se devem apreciar as opiniões emitidas.

Nada temos pois que dizer relativamente aos discursos, que não julgamos heterodoxos, nem perigosos para as consciencias; mas não assim com relação á circular, que essa, perdoe-nos s. ex.ª, foi uma fraqueza, e um triste desacerto. As queixas do nosso collega a *Ordem* são, a este respeito, justissimas.

Estão ali jornaes a vociferar constantemente contra os catholicos, contra os jesuitas, contra o clero, mentindo, calumniando, deturpando factos e noticias, e não foram ainda apontados aos fieis como perigosos, e indignos de se lerem.

Negam mysterios da religião, combatem a sã doutrina, difundem erros condemnados, e sustentam theorias absurdas, e nunca se preveniram os leitores, as ovelhas para evitarem estes pastos envenenados. E um jornal que tem combatido porfiadamente e com louvor os multiplices erros do journalismo atheu, que premmune a mocidade escholar contra o perigo das seduções e astucias maçonicas, que não permite nem ao lente positivista, nem ao litterato imberbe que já é epicurista, nem ao romancista desbragado fazer propaganda de sandices e mentiras historicas ou scientificas é indigitado ao clero como deturpador de noticias e suspeito de irregularidade. Expõe-se por meio d'uma circular ás vaias e baldões dos adversarios tantas vezes por elle derrotados na arena da discussão e condemna-se a elle só por faltas incomparavelmente menores, e que uma pequena admoestação podia facilmente emendar!

Como é que um prelado tão respeitavel e tão bemquisto dos seus subditos, um pastor tão bondoso e affavel para com todos se mostra tão rigoroso e severo para com um jornal religioso, indiligindo-lhe tão opprobrioso castigo?

Nós avaliamos o effeito d'esta pena pelos louvores e regosijo da imprensa antireligiosa que não póde tolerar que o sr. arcebispo de Goa condemnasse e prohibisse a leitura d'um jornal, e agora se mostrou contente com uma medida

coercitiva da liberdade da imprensa. Os risos de tal imprensa são justamente a condemnação da *circular*.

Eis por que nós lamentamos esta desagradavel occorrença, e ousamos pedir que se restabeleça o accordo entre a redacção do jornal religioso e o seu prelado.

Não necessita a *Ordem* de defender-se, mas sim de moderar-se, e de assentar firmemente no proposito, como já assentou, de não fallar em questões de certa gravidade sem *ver e apulpar* as provas.

Um jornal religioso em hostilidade aberta com o proprio prelado é uma cousa contradictoria e reprovada pela Igreja.

A união entre o clero e os seus bispos, entre o sacerdocio e o povo é uma necessidade imperiosa nos tempos de lucta que atravessamos.

Curve-se ao baculo pastoral o jornal defensor da Igreja e apague o pastor o stygma deshonroso imposto sobre o jornal, retirando a *circular*. D'esta forma voltará a paz e todos seremos contentes.

A REDACÇÃO.

Secção Religiosa

Dois palavras a proposito dos Jesuitas

IV

O JESUITA só tracta, como todos os padres, que bem sabem cumprir a sua missão, de converter peccadores, de fazer perseverar os convertidos, sem se importarem com assumpto algum alheio ao seu ministerio.

No confessorario é um amigo carinhoso, suavizando muitas desgraças, curando muitas feridas, alentando os tibios e os fracos com prudentes conselhos, desviando os incautos do abysmo, e arrebatando das garras do crime o desgraçado, para quem talvez já não houvesse um raio de esperanza de perdão!... No pulpito é sempre o espirito elevado, explicando a doutrina de Jesus Christo, fulminando o vicio, e esforçando-se por fazer entrar as multidões no raminho do dever!...

Na cadeira do magisterio, é sempre o professor modelo, empenhando seus cuidados no adiantamento moral e scientifico dos discipulos, o que faz que seus institutos sejam em tudo os primeiros, como confessam seus proprios inimigos!...

E' d'aqui que lhes provem a maior opposição, que lhes tem feito e fazem. Os filhos das trevas não podem suportar a luz, que irradia de suas eschololas; levam a mal que os Jesuitas preparem melhores alumnos, que os professores leigos; e como não podem vencel-os, nem ao menos igualal-os, empregam to-

dos os meios de inutilisar seus trabalhos; ou fecham seus estabelecimentos litterarios, ou, não podendo tanto, movem-lhes guerra encarnçada, para que se não patenteie por mais tempo a ineptia d'elles, filhos das trevas!...

E dizem-se apóstolos da instrucção do povo!...

Mas estejam socegados: a invasão dos Jesuitas é uma patranha; é apenas uma arma de que se servem todas as opposições, para guerrear os governos. Não são os Jesuitas tão asnos, que se venham meter n'este paiz *felixissimo*, onde seriam mais mal tractados do que em França. Lá expulsaram-os de suas casas, arrombando-as de dia, como os ladrões fazem de noute, e penetrando violentamente na morada dos cidadãos, que as leis proclamam inviolaveis: aqui em egualdade de circumstancias, seria o negocio mais serio. Em artigo malvadez estamos mais adiantados: aqui seriam suas casas apedrejadas, arrombadas, roubadas, e elles, os pobres Jesuitas, feitos em postas!...

Não ficava um para levar a noticia do desbarato!... E tudo isto seria ao grito de viva a liberdade!...

V

Lembro-me agora d'uma descoberta engenhosa d'um jornal, quando correu a balela da anterior invasão dos Jesuitas. Disse elle: Os Jesuitas continuam a entrar em Portugal impunemente. Temos a liberdade ameaçada; e a propriedade, forçoso é confessal-o, não está mais segura.

Por essa occasião escrevi eu algures a este respeito as seguintes considerações, que reproduzo, com pequenas alterações, por que tem ainda hoje a mesma applicação.

Até morrer aprender. Julgava eu que a propriedade está ameaçada, mas é pelos que ahi, todos os dias, proclamam a reforma da nossa sociedade, baseada na melhor distribuição da propriedade, isto é, tirando aos que tem sabido conservar, augmentar ou adquirir seus bens, para os dar aos vadios, aos perdularios, aos que, entregues ao jogo, á erapula e a todos os vícios, tem dissipado suas fortunas, ou não tem sabido adquiril-as por meio do trabalho honesto!...

Julgava eu na minha ignorancia que a propriedade está ameaçada, mas é por esses, que ahi estão todos os dias a clamar contra o capital, e fazendo com que os proletarios, sem vergonha, sem temor de Deus, lancem vistas cubiosas para as *burras* dos capitalistas, promptos a assaltal-os, ao primeiro movimento republicano socialista que estalar no Porto ou em Lisboa!... Julgava eu finalmente que a propriedade está ameaçada, mas é por esses, que ahi estão

empregando todos os meios, suggeridos pelo espirito diabolico, para subtrairem o povo á obediencia da lei de Deus, zombando das coisas sagradas, mettendo a ridiculo as cerimoniaes da Igreja, fazendo com que o povo olhe os padres como outros tantos cães damnados, que é preciso exterminar, e a religião divina, que elles pregam, como inimiga da humanidade!...

Eu cuidava isto; mas agora vejo que estava enganado. Os senhores communistas são uns grandes amigos da propriedade, e tanto que a querem para si, roubando-a a quem pertence; são uns grandes amigos do capital, tanto que ardem em ancias de encher bem os bolsos...

Se algum leitor pensava como eu, ficando sabendo que estava enganado. Os inimigos da propriedade são os Jesuitas, e tanto assim é, que até pregam contra a usura, contra o roubo, contra todas as extorsões, sejam ellas de que especie forem; e ainda mais — fazem voto de pobreza!...

Ora vejam onde estão anichados os inimigos da propriedade!...

E tudo isto se diz em nome da liberdade!...

Vou concluir repetindo o celebre dito de Madame Roland. Esta illustre revolucionaria, quando era, pelos seus amigos da vespera, levada ao cadafalso, parou na praça da Revolução, e inclinando-se diante da estatua da Liberdade, exclamou:

O' Liberdade, quantos crimes se commettem em teu nome!...

P.º JOSÉ VICTORINO PINTO DE CARVALHO.

Secção Scientifica

CONFERENCIAS RELIGIOSAS

Recitadas na Sé do Porto, na Quaresma de 1883

POR

MONSENHOR RODRIGUES VIANNA

(Continuado do n.º anterior)

III

A Educação é um Apostolado de reacção moral

Illustrado e religioso auditorio!

Quando me determinei pela escolha do assumpto, que vou discutindo n'estas humildes conferencias, ligou-se-me que via levantar-se nos horisontes da patria a auspiciosa aurora d'um brilhante porvir. E eu saudava essa brilhante aurora; saudava-a no apuro do meu entranhado affecto a este torrãozinho abençoado, que me viu nascer, e dizia a sós commigo: Quem não ama a sua patria, se, ao só nome d'ella, todo o nosso ser se avoroça instinctivamente, e todos os ec-

cos adormecidos no fundo d'alma se despertam para o repetirem n'um hymno sonoro? Quem não ama as auras suavissimas, que nos embalsamaram o berço, e que recolheram os nossos primeiros suspiros? Quem não ama a luz d'esse sol, que alumiou os nossos primeiros olhares, e que beijou a flôr das nossas primeiras esperanças? Quem não ama a doce estancia sempre querida, em que recebemos a primeira benção de nosso paiz, e onde nossa mãe nos bebeu em osculos as primeiras lagrimas, e nos ensinou a consagrar a Deus o nosso coração, antes mesmo de sabermos o que era um coração?

Ninguém, com certeza. Ora: o meu assumpto é effectivamente essa aurora rutilante a doirar os céos da patria, assegurando-lhe as esperanças d'um florescente porvir. O meu assumpto é o grande problema do nosso futuro, que tanto nos tortura com as suas incertezas, e que tão seriamente preoccupa não poucos espiritos pensadores. O meu assumpto é a poderosa alavanca, que tem o maravilhoso condão de solevantar os povos decadentes, e eleva-os ao zenith da sua pristina grandeza. O meu assumpto, emfim, é a educação das gerações nascentes da humanidade que renasce, da patria que se perpetua. Consequentemente, o meu assumpto hade encontrar ecco sympathico e grato acolhimento no coração de todo o bom portuguez, que ama sinceramente a sua patria, e que se interessa devéras pela sua verdadeira e legitima prosperidade.

E encontrou-o, senhores. O auditorio sempre crescente, que vejo agrupar-se em roda d'esta tribuna sagrada; a nunca fatigada attenção e edificante recolhimento, com que tendes escutado os meus singelos e desprimorosos discursos, são d'isso uma prova tão lisongeira como inequivoca.

E, no entanto, eu ainda não abordei o que ha de mais transcendente e de mais vital no importantissimo assumpto, que me occupa; ainda não toquei propriamente no amago d'elle.

E já que vos fallei da aurora, lembrame que ella não só illumina as flores com o rosado matiz da sua luz, mas aviventa-as com a suave frescura dos seus orvalhos; e que assim tambem deve de proceder a educação, para que seja realmente auspiciosa aurora a purpurejar de risonhas esperanças os bellos céos da nossa patria.

Essas interessantes creancinhas, essas mimosas e delicadas flores vivas do nosso paiz, d'este *formoso jardim da Europa á beira mar plantado*, para serem amanhã nossos dignos representantes na scena do mundo, e honrarem o nome portuguez, conservando intemeratas as suas tradições gloriosas, necessitam de luz e d'orvalhos; luz para a intelligencia,

e orvalhos para o coração: necessitam do ensino e da moralidade; necessitam da instrução e da virtude.

Por isso, depois de ter assente, na primeira conferencia, que a educação é como arte sublime, que aperfeiçoa e completa o homem, pondo-lhe em relevo os traços divinos, que n'elle imprimira o Creador; e depois de me ter occupado, na conferencia passada, do mais saliente e luminoso d'esses traços, qual é a intelligencia; e de vos ter demonstrado que a educação relativamente a esta brilhante faculdade do nosso espirito, synthese e corôa de todas as demais que o ennobrecem, deve ser um apostolado de fé, hoje pede a ordem das ideias que discorra sobre a educação da vontade, ou sobre a educação moral, ou melhor, sobre a educação na sua propria essencia, a educação propriamente dita.

Vasto e feracissimo campo se abre n'este momento diante dos meus olhos. Quem me dera engenho e arte para poder explorar as riquezas d'este campo, ou ao menos quem me dera tempo para sequer vol-as poder entremostar! Infelizmente, nem tenho engenho, nem arte, nem tempo; não tenho nada, tenho só muito bons desejos, como certamente reconheceis. Valham-me, pois, os meus bons desejos para formular uma these, cujo desenvolvimento vae ficar muito àquem dos vossos.

Provarei que a educação, relativamente à vontade, deve de ser um apostolado de *Reacção moral*.

Virgem Immaculada, abrigae-me sob a simbria do vosso manto protector.

Respeitavel auditorio, conto mais uma vez com o que sempre, por favor, me tendes dispensado: generosa benevolencia e attenção, que

Principio.

Senhores!

Deus outorgou ao homem duas grandes realesas: uma com que domina o mundo, outra com que se domina a si mesmo; a realeza da intelligencia, e a realeza da vontade.

Afigura-se-me assistir ao acto solemne da outorga d'estas duas realesas, e que vejo o homem ajoelhar, estremecendo de gratidão, aos pés do seu Creador no momento, em que Elle acaba de evocalo do nada aos esplendores da vida, puro, luminoso, formosissimo, compendiando em si todas as bellezas do universo; e que o Creador lhe diz, apontando-lhe para esse universo—«Tu és o seu rei; e eu te confiro a corôa brilhante d'essa incontestavel realeza, que exercerás pelas luzes da tua intelligencia; mas eu te confiro a corôa d'uma outra realeza, bem mais nobre e elevada ainda,—a corôa da tua realeza individual, que exercerás pela força da tua vontade; e olha bem que a não percas, essa corôa especiosissima

da tua autonomia; por que é com ella que hasde moderar os teus desejos, corrigir os teus estímulos, e sopear as tuas paixões; e é por ella que serás a imagem da minha omnipotencia, porque assim como ao imperio da minha voz tudo obedece e se acurva no grande mundo da natureza, assim tambem ao imperio da tua vontade tudo obedecerá e se acurvará no pequeno mundo de ti mesmo.

E a natureza saudava festiva o rei; e o sol com seus resplandores, a terra com a sua fecundidade, os campos com as suas messes, as arvores com os seus fructos, e as flores com os seus perfumes, e todos os seres, emfim, com a sua valia, pagavam-lhe o devido tributo de vassallagem. Ao passo que o homem sentia lá dentro que todos os pensamentos que o illuminavam, e todos os affectos que o commoviam, obedecendo ao impulso da sua vontade, como as cordas d'uma lyra ás vibrações d'um artista, tributavam tambem por sua vez, n'uma harmonia viva, o devido preito à realeza do seu mundo interior.

Tal é a nossa elevação, tal é a nossa dignidade: somos duas vezes soberanos!

Sabeis, porém, que, infelizmente, a mais nobre e apreciavel d'estas realesas,—a realeza da vontade, nos é de continuo disputada com ardor. Emulos revollosos conspiram sem treguas para debilitarem o seu poder, illaquearem o seu throno, apoderarem-se do seu dominio, e imporem-lhe umas algemas.

Tendes visto, senhores, à luz da historia, a marcha ascensional do homem, d'esse augusto peregrino, d'esse incansavel lidador do inlinito, atravez da extensa área dos seculos? Tendes visto!... Que vae elle deixando apoz de si? Luzes e sombras, flores e espinhos, jubilos e lagrimas, applausos e baldões. Aqui feitos illustres que nobilitam o seu nome, e que o transmittem de geração, em geração, cercado d'uma aureola de gloria; acolá acções ignobeis que o deslustram, e o condemnam para sempre ao desprezo de todas as edades. Aqui virtudes sublimes que deixam juncadas de rosas as veredas, que elle percorre na vida; acolá vicios degradantes, que as deixam ouriçadas d'abrolhos. Aqui rasgos de heroismo, que salvam a humanidade nas epochas criticas da sua existencia; acolá estragos de paixões turbulentas, que a deixam profundamente abalada. Aqui os povos a tecerem-lhe corôas de bençãos, a votarem-lhe os applausos mais sinceros, as admirações mais expansivas, e os cultos mais afervorados; acolá os povos a fulminarem-lhe tremendos anathemas, a maldizerem e a execrarem o seu nome odiado. Aqui, emfim, e por toda a parte, vestigios dos triumphos da vontade sobre o mal, ou dos triumphos do mal sobre a vontade humana.

Não ha duvida, senhores, a vida é

lucta; lucta porfiada e tenacissima entre duas potencias adversas e inconciliaveis,—a vontade d'um lado, os seus rigores, a lucta incessante, lucta que se trava a travar-se ahi a toda a hora e a todo o momento, onde quer que o homem cumpra os seus destinos, onde quer que actue, que labore, que viva, que respire; e lucta decisiva, porque os seus resultados lavram a pagina que deixamos no mundo, e assignalam-nos o logar que nos compete na immortalidade.

Ninguem melhor definiu esta lucta da vida do que o grande luctador do evangelho, esse gigante incomparavel do christianismo, cujo denodo na defeza da fé obscureceu e eclipsou o valor dos spartanos na defeza das Thermopilas,—S. Paulo, o Apostolo das gentes, quando escreve com a sua penna de fogo—que ha dous homens a debaterem-se em cada homem.

Mas como se chamam esses rivais ardidos e implacaveis da nossa autonomia interior? Como se chamam? Tempo é de os conhecermos pelo seu nome. Tambem não houve quem melhor os definisse e os caracterisasse do que um outro Apostolo, o predilecto de Jesus, o que dormira o somno do justo no seio do Justo por essencia, e haurira ahi as sublimes inspirações do seu Evangelho,—S. João, quando traçou este conceito luminosissimo—*Omne, quod est in mundo, concupiscentia carnis est, et concupiscentia oculorum, et superbia vitæ*. Tudo o que no mundo brilha, e se ostenta, é concupiscentia da carne, concupiscentia dos olhos, e soberba da vida. Que palavras!... Em verdade, que só quem tão de perto recolheu os segredos d'um coração divino é que podia devassar assim tão profundamente os segredos do coração humano. Esses simples versetos do sublimo Apostolo da caridade derramaram uma luz clarissima nos mysterios da existencia: sem elles, a vida seria um enyigma, um eterno enyigma desesperador.

Ahi tendes a triade negregada, senhores, que nos hostilisa sem respiro, quasi desde a innocencia do berço até á paz da ultima jazida, e que nos converte n'uma arena de incessantes combates estes páramos tristes da terra do nosso exilio. Ahi a tendes: é o *orgulho*, a *avareza*, e a *sensualidade*. Ahi tendes a triade negregada!...

Que deve fazer o educador, o mestre das gerações nascentes, para forral-as ao dominio d'estes temiveis adversarios da realeza da vontade, e formar gerações livres, gerações que nos assegurem a manutenção da verdadeira liberdade, que tem como escudo o dever, e como diadema a virtude? Que deve fazer? Armar-se de uma santa e sublime reacção.

Reacção! Esta palavra não se pode

empregar actualmente sem um indispensavel correctivo; porque ella assusta e conturba o seculo, e é malquisto d'elle quem a pronuncia sem explicações tranquillizadoras.

Phenomeno singular! Este seculo, que tantas grandezas ostenta, e que tão passmosas maravilhas tem operado; este seculo, que se ergue no meio dos que o precederam como uma immensa espiral de fogo, ou como uma pyramide gigantesca, banhada em cheio pelo sol esplendoroso da civilisação; este seculo tão deslumbrante, assombrador e colossal, abriga em seu seio um sentimento comensinho, que não sei como alliar-se com o seu incontrastavel poderio,—o medo!

Medo!... Como assim? O' meu seculo! pois tu és tão magnifico, altivo e pujante, e temes?! A natureza material está nas tuas mãos, como a bala nas mãos da creança, e temes?! A' magica voz do teu *progredior*, os montes abrem as suas entranhas de granito, os mares recuam as suas ondas de sobre as praias, o raio cahe submisso aos pés do homem, e temes?! Decompões os elementos, devassas os terrenos, medes as estrellas, inventas a metralhadora, o canhão raiado e a dynamite, e temes?! Quatro milhões de bayonetas affiançam-te a paz e o socego, e temes?! Temes o que?—Teme a *reação*, senhores!

(Continúa).

Secção Historica

AGUAS MEDICINAES EM PORTUGAL

MANUSCRIPTO

Breve noticia das *Caldas de Caldellas, Rendufe, Canavezes, Entre-Rios, Gerez, Vizella, Monsão, Padreiro, S. Miguel de Entre Ambos os Rios,—das aguas ferreas de S. Miguel de Lavandós, Rabordello, Lagoinha—e breves considerações sobre as aguas ferreas ou ferruginosas nativas, artificiaes e do seu uso.*

(CONTINUADO DO N.º 15)

II

Das caldas de Rendufe

Duas leguas distante de Braga, n'uma povoação chamada S. Thiago de Caldellas, comarca de Vianna do Minho, junto a um ribeiro denominado das Caldas ou rio Albitto, antes da união do rio Cavado com o rio Home, ha duas nascentes de aguas thermaes com quatro poços, que no anno de 1803

foram sufficientemente bem construidos para aproveitarem em copia bastante a agua d'estas duas origens.

E' o sitio despovoado, entre montes, dos quaes o que fica do nascente confina com as grandes montanhas do Gerez, fazendo parte da sua cordilheira. As aguas são diaphanas, crystallinas, têm cheiro muito ao longe hepatisado, o sabor é levissimamente austero, adocicado e quasi imperceptivel; o deposito, ou lodo, que nas fontes é verde escuro, não apparece nos tanques por serem lavrados, contando do poente ao nascente dão os seguintes graus de calor:

O I.—88 F.—25 R.

II.— „ — „ —

III.—90 —26

IV. 89 —26½

Ha tambem duas fontes, uma ao nascente, outra ao poente, cujas aguas se podem beber e cujo calor na primeira é de 86.º de F. 24 de R. na segunda 88.º de F. e 25 de R. O exame feito pelos reagentes parece mostrar, que estas aguas contêm ferro combinado com alguns sulfatos, e com algum dos gazes misciveis na agua, talvez com o hydrogenio levissimamente sulfurado. Por isto é por effectos analogos em varias molestias, em que grandemente aproveitam as caldas do Gerez, serão por ventura da mesma natureza e ordem com alguma variedade?

No anno de 1803 foram achadas na excavação d'estas caldas duas pequenas columnas pelas quaes se mostra terem sido usadas no tempo dos romanos.

CAES	AR
GLEM	?B
NYM	NYM
PHIS	PHIS
EXVO	EXVO
TO	TO

III

Das caldas de Canavezes

Debaixo de um durissimo rochedo em um monte sobranceiro ao rio Tamega, proximo á villa de Canavezes, cinco leguas para o nascente de Guimarães, d'onde é comarca e bispado do Porto, nasce uma agua thermal crystallina, em cuja superficie apparecem uns ligeiros flocos semelhantes a saponaceos, estalando amiudadas bolhas aereas mais ou menos volumosas, que sobem do fundo da nascente. O seu cheiro é mais qualida-

des sensiveis a classificam nas aguas mineraes sulfureas hepatisadas, sem exclusão de sulfatos e outras substancias que tenham de mistura. O seu calor é de 92º a 94, ou 95 de F. ou de 27 a 28 de R. Note-se, que estando a atmosphera em grande calor, sente-se o banho ao entrar alguma cousa mais fresco, principalmente sendo de tarde ou á noite; mas esta sensação mui promptamente se dissipa e pode-se sem incommodo e mesmo com satisfação estar no banho largo tempo.

IV

Das caldas de Entre os Rios

Distante um quarto de legua para L. da povoação chamada Rua de Entre os Rios, quasi no cume de um monte pertença da Quinta da Torre, freguezia de S. Payo da Portella, comarca de Penafiel para a parte do N. sae pela fenda de uma durissima rocha (cujos pedaços pelo peso e côr inculcam mistura de mina metallica, e que na sua quebradura são de côr amarella d'ouro) na quantidade de meia telha uma agua mui fria e crystallina, cujo cheiro sulfureo começa a sentir-se em distancia de vinte passos ou pouco mais. Na superficie da agua junta na bacia onde cahe formada do mesmo rochedo se observa uma crusta alvacentas resplandecente, e em todo o transito por onde passa para o Rio Tamega se faz denegrida, o que succede tambem sobre o papel pardo que se lhe mergulhe, e arde com chamma e cheiro proprio depois de secco. E' muito abundante de gaz hydrogenio sulfurado tão intimamente combinado, que sem perda em garrafas bem tapadas não sómente conserva ás aguas transportadas a sua efficacia, mas dura mezes e por ventura mais de anno sem diminuição de suas qualidades e virtudes medicinaes. Haverá doze annos que esta agua começou a ser conhecida e applicada internamente pelos sabios medicos do Porto, tirando d'ella muitas vezes as vantagens, que de outras da provincia não tinham alcançado nos casos, em que aguas sulfureas são applicaveis.

Deverão ellas uma grande parte de suas virtudes a alguma porção de ferro?

Braga—1883.

(Continúa).

P.º ALFREDO ELVIRO DOS SANTOS.

Secção Litteraria

GRACIA

ou

A CHRISTÃ DO JAPÃO

LENDA HISTORICA

ROMANÇO DO P. P. LIMA

LIVRO I

Christãos e Idolatras

CAPITULO I

Dous amigos

Por uma das formosíssimas alamêlas, que afortunoseavam em Osaka o palacio do Gran Faxiba, Cambacundono ou Regente do Japão, passeavam uma manhã do mez de 1587 dous personagens da sua Corte, procurando não tanto a sombra que os defendesse dos ardores do astro do dia, como a soledade e o silencio, que nas immedições do palacio não podiam encontrar.

Vestia um d'elles riquíssimo traje de seda verde, todo adornado com preciosas flores e passaros, estampados em vivissimas e brilhantes côres; trazia na mão um leque redondo com primorosas pinturas, e pendiam-lhe do cinturão uma espada e um punhal de exquisto lavor, com punhos marchetados de perolas. Era o traje do outro não menos elegante, e cobria-lhe a cabeça um elmo, que indicava pertencer seu dono á classe militar. Sob este

elmo destacava-se um rosto joven e vigoroso, em que contrastavam a energia e a doçura, a bondade e a fortaleza, o valor militar e a mais extraordinaria ternura. Se ás vezes os olhares do guerreiro eram vivos, ardentes e impetuosos, outras vezes tambem revelavam uma simplicidade e candura infantis e demonstravam uma alma pura, serena e sem paixões. Não devia ser assim seu interlocutor; pois bastavam suas acções e maneiras para evidenciarem tal desordem de intelligencia e tal turbacão de espirito que era escusado ver-lhe o rosto para adivinhar a violencia das paixões que o dominavam e o rude combate que n'este momento ellas travavam em seu peito. Fitava o guerreiro de vez em quando com extraordinario assombro, escutava-o logo como estupefacto, e ora emmudecia como uma estatua, ora rompía em gritos coléricos, soltava imprecações ruidosas e parecia que, com a violencia de suas palavras e força de seus ademanes, tentava impôr-lhe silen-

cio. O guerreiro porém, sem desorientar-se nem descomedir-se, continuava a conversação, contentando-se somente em saltar de quando em quando um suspiro, elevar os olhos ao céu e deixal-os cair, com expressão de indizível lastima, sobre seu furibundo companheiro de passeio.

Entre as almas d'estes dous personagens parecia existir a mesma antithese, que ha entre a luz e as trevas, entre o céu e o inferno, e todavia eram amíccissimos um do outro a julgar pela confiança com que fallavam e pelo interesse que cada um manifestava em attrahir o outro á sua opinião. O do vestido verde era o principe Jecundono, Daimio ou Senhor de Tango, e o guerreiro chamava-se Justo Ucondono, e era capitão da guarda do Gran Faxiba. Ambos tinham pelejado a favor d'este na guerra civil, que rebentou logo depois da morte do imperador Nobunauga; ambos haviam contribuido para elevar Faxiba á regencia do imperio, que n'aquella epocha desempenhava, só com a differença que unidos pela amizade e pelos interesses politicos, não o estavam no allinente á religião. Sobre o peito do capitão de guardas prefulgia uma cruz d'ouro que proclamava sua fé no divino Redemptor do genero humano, em quanto que Jecundono era idolatra, ou antes, atheu, como muitos dos personagens que n'aquelles tempos gosavam de grande influencia na Corte do Japão.

E' evidentissimo pois, que questões religiosas eram a origem da disputa, amigos, e o que excitava a colera de Jecundono e a compaixão e suspiros de Justo.

—Por o gran Daibout e todos os espiritos celestes do imperio, te juro que cada vez comprehendo menos tua doutrina, exclamou Jecundono ao finalizar o companheiro a explicação dos dogmas christãos, que lhe estava fazendo.

—Diz antes, que não queres entender-a, contestou Justo, porque não te convém pratical-a. Nem tu, nem ninguém ignora a obrigação que todos temos de amar a Deus sobre todas as cousas; mas é precisamente n'este ponto, que duvidas e te custa mesmo a acreditar. Não queres renunciar a ideas de cuja falsidade estás convencido, porque receias perder teus costumes, porque tens demasiado apêgo a tuas paixões, porque finalmente, não queres expor-te a soffrer o que, pelo facto de te fazeres christão, te poderá sobrevir.

—E então? não temes que d'hoje para amanhã deixe Faxiba de tolerar-te, como muitos já lhe teem pedido, e te tire teu emprego e teus bens, e te desterre como inimigo do Imperio, ou te mate!

—Nada temo, Jecundono; só temo ofender a meu Deus. Fora d'isto, nem

emprego, nem bens, nem fazenda, nem honra, nem vida são nada para um christão. O Senhor m'os deu. Elle pode libertar-m'os quando lhe approuver, que em tudo o que me succeder admirarei sua sabedoria e acatarei sua divina vontade.

—Pois parece-me, que não tardarás muito a dar a esse teu Deus essa prova de fidelidade, porque Taxiba vai-se cangando de aturar-vos.

—Não o creio; antes pelo contrario agora parece que ama e favorece mais os christãos. De dia para dia favoneia mais e mais os jesuitas, de cujos conselhos faz mais casos do que dos bonzos; permite a prédica e a construcção de igrejas, e convicto da fidelidade com que o servimos nos colloca nos postos de maior confiança. Já vês; a frota está sob o commando de Agostinho Tzucamin-dono, gran almirante; a cavallaria sob o de Simão Condera, e em quasi todas as companhias da guarda me tem concedido licença para collocar officiaes christãos. Na minha opinião, a luz fulgentissima do Evangelho vai irradiando tanto a seus olhos, que, embora elle ainda a não siga, não quer privar d'ella os habitantes do Japão. Desengana-te, Jecundono, raiou para este paiz a formosissima e sorridente alvorada da sua conversão, porque, continuando assim, dentro em poucos annos desaparecerão as varias religiões e seitas, que hoje o devidem, e todos os japonezes dobrarão seu joelho ante o dulcissimo e sempre amavel nome de Jesus.

(Continúa.)

Secção Critica

O vestido da Snr. D. Maria Pia

I

PRINCIPIAMOS hoje, n'uma serie de artigos, a mostrar o quanto foi acertada a nossa censura ao acto pouco christão de S. M. a Rainha, offerecendo um vestido velho a Nossa Senhora da Madre de Deus, e ao acto escandalosissimo e sobremodo profano praticado pelo snr. Padre Manoel Custodio de Souza Gonçalves (1), de collocar em exposição, sobre o altar da Santissima Virgêro, o mesmo vestido.

(1) Devemos aqui declarar que na noticia que deramos em o n.º 15 do «Progresso Catholico» da chegada e exposição do vestido, nos não dirigimos ao R.º Sr. Padre Antonio, confessor das Capuchinhas, mas tão sómente ao Snr. Padre Manoel Gonçalves, embora fallassemos em capellão, porque nos dizem ser elle o capellão. E' só a elle que nos referimos.

O nosso esclarecido collega bracarense «Cruz e Espada», apenas leu o que disseramos a tal respeito, publicou uma noticia que vamos reproduzir para dar mais auctoridade ao nosso reparo, pois que fomos nós que levantamos a questão do vestido, devemos por isso fazer ecoar nas paginas da nossa folha tudo quanto a imprensa disser a tal respeito.

Depois publicaremos o que outros collegas nossos disseram. Por hoje a «Cruz e Espada»; eis a noticia publicada em o n.º 71:

Dadiva real do Anjo de Caridade a sua criada Maria Santissima.—Um escandalo, uma profanação! Eis tudo:

A snr.ª D. Maria Pia, a afilhada de Pio IX, a rainha d'esta dynastia, o decantado anjo da caridade (à custa alheia) acaba de presentear a Madre de Deus, da Egreja das Capuchinhas de Guimarães, com um vestido de setim azul, que *sua magestade* deixou de usar, e que já não estava em estado de ser offerecido ás suas aias, nem de ser vendido ás contrabandistas da capital!!

E' realmente uma dadiva real esta!!

E este vestido, rescendendo ao suor dos bailes esteve exposto à veneração e ao exame do publico sobre o altar onde se celebra o santo sacrificio da missa!

O facto é de indignar como se indignou o publico vimaranense.

A snr.ª D. Maria Pia tambem concorera para o monumento a Pio IX, seu padrinho, com a enorme quantia de 50\$000 reis, somma igual á que offereceu um pobre padre, o snr. Arcipreste de Guimarães!

Se ao menos *sua magestade* tivesse tido a lembrança de fazer esta generosidade do cofre dos inundados, faria uma figura tão brilhante, como em outras occasiões tem feito o Anjo da Caridade.»

Um periodico bracarense tambem, orgão do partido constituinte e como o partido tambem chamado, veio á arena em defeza da Snr.ª D. Maria Pia. Vamos por esta occasião os parabens a S. M. a Rainha por ter tão briosos paladinos e tão fortes cavalleiros para a defenderem. O partido constituinte tem por chefe um magão e portanto o partido é magonico; e, apesar de n'este estarem filiadíssimos alguns padres, entre elles um que é mais alguma cousa que simples padre, e que é redactor do «Constituinte», os seus principios devem ser os mesmos que levaram Luiz XVI e sua esposa ao cadafalso, e que assassinaram covarde e infamissimamente seu filho. E' pois defendida a Snr.ª D. Maria Pia pelos proprios algozes; mil parabens.

Do artigo do «Constituinte» fallaremos depois, ou reproduziremos tão somente o com que lhe respondeu brillantemente a «Cruz e Espada».

Os nossos collegas de Braga, redacto-

res da já mencionada folha «Cruz e Espada», vendo-se insultados e como que desmentidos vieram a Guimarães com o fim unico de ver a dadiva real. Tivemos então o prazer de abraçar o Exc.º Sr. Bernardino José de Senna Freitas e os amigos que o acompanhavam, e tratamos de lhe fazer patente o vestido, o que nos foi facil, graças ao favor de um cavalheiro respeitavel d'esta terra.

Os nossos amigos viram, examinaram, e fizeram publico este exame em o n.º 73 do seu jornal, por esta forma:

Confirmação.—A redacção da «Cruz e Espada» vendo que alguém procurava lançar-lhe uma immerecida censura por haver stygmatisado o facto de ter a Snr.ª D. Maria Pia offerecido um vestido de baile, velho, do seu uso, para ser arrojado para Nossa Senhora Mãe de Deus, das Capuchinhas de Guimarães, resolveu fazer evidentissima a verdade do facto, visto que o noticiara por o lermos no nosso collega do «Progresso Catholico». Para tal fim fez-se esta redacção acompanhar de diversos cavalleiros de Braga, e dirigiu-se ao Convento das Capuchinhas, a Guimarães, ver o vestido, que foi observado pelas testemunhas presentes.

Exame.—O vestido de baile da snr.ª D. Maria Pia, é de setim azul, tecido com ramagens de ouro. E' decotado e sem mangas. Apenas lhe servem de mangas uns rufos de rendas estreitas, que parecem ter sido lavadas. Este corpo espartilhado vestiria com vantagem uma das estatuas do frontão do paço municipal de Lisboa. No sitio dos sobacos existem as manchas de suor, que attestam o uso que teve. Uma especie de laço ao meio do decote tambem está manchado. Uma fita de trança de seda branca que servia de ajustar o vestido ao corpo está encebada do uso, e manchada das moscas, o que pôde denotar que o vestido esteve pendurado em sitio pouco reservado, talvez em casa das contrabandistas de Lisboa.

Este vestido pelo seu lavor não está nas condições de ser usado por pessoa alguma. Não o querendo tornar a vestir a snr.ª D. Maria Pia, e ninguem o querendo comprar, veio para a senhora Mãe de Deus.

A saia é de cauda. D'esta cauda, que já varreu os sallões do Paço, é que se está fazendo um manto para a Virgem Santissima! O resto do vestido tem de ser ajustado ao corpo da Imagem!

O exemplo é unico na historia portugueza. Ainda hoje em todas as principaes egrejas do paiz se vêem as riquissimas offertas de nossos reis aos templos e ás Imagens sagradas. Dadiva como a da snr.ª D. Maria Pia, mais parece um motejo do que um testemunho de piedade.

E' este um facto do qual a imprensa não carece de fazer commentarios. Basta relatal-o, tal como o fazemos nas poucas linhas acima, para que a indignação domine o coração de todos quantos presam o culto divino e o bom nome de nossos soberanos.

Algumas linhas agora ás religiosas de Guimarães.

A Imagem formosissima da Virgem Mãe de Deus que se venera no vosso convento, senhoras, está entregue á vossa devoção, entregue á vossa guarda, á guarda da vossa muita virtude.

O nome que tendes, deveis-o ao respeito publico, á veneração d'essa cidade verdadeiramente portugueza que vos admira e que vos estima.

Corre-vos o dever de resguardar das censuras catholicas o vosso nome, defendendo como filhas da Virgem, como irmãs de Jesus esse precioso deposito confiado á vossa Fé.

Se collocardes sobre os hombros da Virgem Immaculada esse manto maculado; se lhe ajustardes ao corpo divino esse vestido mundano, já profanado na decompostura dos decotes da corte, já banhado do suor impuro de uma mulher, embora virtuosa, embora rainha, sereis o instrumento de uma affronta sacrilega feita áquella que deveis amar e velar a todas as torpezas da terra.

Senhoras. Se a delicadeza não permite recusardes á elevada personagem que vos fez a dadiva, essa offerta menos digna da Mãe de Deus, recolhei-a como uma recordação em uma arca de ouro, mas não toqueis com as manchadas sedas dos bailes carnavalescos o corpo divino da Rainha do Céu.

Em nome de Deus Filho, offendido na pessoa de Sua Excelsa Mãe, em nome da Egreja, que tem por dogma a Conceição Immaculada, em nome da Fé catholica, em cujo seio sois as pombas do Senhor, oiça a vossa consciencia, no tribunal da verdade, o conselho e parecer desapaixonado dos vigias fleis da casa do Senhor, que elles não pôdem arrastar-vos ao sacrilegio que ides praticar com publico escandalo, contra o espirito das leis da Egreja e contra os dogmas da nossa Fé.

Ouvi as auctoridades da Egreja que no seu posto independente não preferirão insensar os grandes da terra nos servilismos de uma cortezania sacrilega, para mancharem o corpo da Virgem por vossas mãos puras e carinhosas.

Melhor fôra, senhoras, encostar os taipaes ao altar onde veneraes a Santissima Esposa de José, do que ver curvada uma nação catholica e fiel ante essas vestes que foram já feridas pelo olhar obscuro com que se não pode fixar a Mãe do Senhor.

A' illustre e veneranda prelada do

convento das Capuchinhas, mais que a ninguém, pertencem estas reflexões, por que a sua responsabilidade leva consigo a de uma corporação respeitavel e virtuosa, que se acha entregue ao seu zelo maternal.

Em casos como este, e para uma auctoridade religiosa não podem ter valor os discursos dos impios, nem o sabugismo dos lisongeiros, e cortesãos.

E' esta a nossa opinião franca. Ha factos que se devem collocar sempre acima das pessoas.»

Ahi fica uma prova do quanto o nosso collega tomou a peito esta questão, o que deveras lhe agradecemos. Resta-nos agora ampliar ainda um pouco a primeira noticia que demos, para mostrar o pouco timo e o nenhum respeito pelas crenças do nosso povo, como andou em tudo isto o Sr. Padre Manoel Gonçalves.

No dia em que chegou o vestido, um domingo, á hora em que é costume dar-se na igreja das Capuchinhas a benção do Santissimo Sacramento, e quando a igreja era cheia de fleis em cujo numero nos achavamos tambem, chegou ordem do Sr. Padre Manoel Gonçalves, que não havia benção. O povo foi-se retirando admirado e em pouco tempo ficou o templo com muito pouca gente.

Porque não haverá hoje aqui a benção?—dizia eu; e todos faziam uma tal pergunta. A resposta não se fez esperar.

O Sr. Padre Manoel quiz o allar de vago para expôr o vestido da Sr.ª D. Maria Pia. Mandou para a rua os devotos da Virgem, os amigos do Santissimo Sacramento, e deu entrada a uma turba de gente que nem se ajoelhava, nem rezava e só tentava vêr a preciosa dada que o Sr. Padre Manoel, mostrava cheio de goso, repleto de contentamento, enchendo a bocca com o nome da nossa rainha!

J. DE FREITAS.

(Continua).

TRIPLE-ALLIANÇA

Não deixou de fazer surpresa a triple-alliança ultimamente feita entre a Allemanha, a Austria-Hungria e a Italia, obra principalmente de lavra da Allemanha; o objectivo é a França e o subobjectivo é mais que tudo o interesse-allemao, e por consequencia o Principe Bismarck é o auctor da obra.

Por aquella Alliança a França deverá deslinhar-se em sua Republica e em seu isolamento politico-diplomatico. A Austria-Hungria foi convencida pelo convencimento de que a Italia-Governo ficava tollida em qualquer desejado movimento irrelentista, a promover ou a

consentir pelo governo italiano. A Italia-Governo ufanou-se por se achar em companhia dos dous Imperios da Europa central; e ganhou a demora do ajuste de contas sobre a questão Romana, a respeito da qual acaba aliás de dizer uma folha officiosa de Berlin, alguma cousa como affirmar—«que o Principe Bismarck tiuha affirmado, que as Potencias que continham subditos catholicos (e nenhuma ha que os não tenha, dizemos nós) tinham interesse em que o Papa tivesse uma independencia Temporal ou Soberana.» E á resolução n'este sentido se ha-de vir indispensavelmente, mais tarde ou mais cedo. A Italia-Governo, que deixou só com os prussianos e allenães o seu pai Napoleão III, agora faz uma Alliança hypotheticamente contra a França, e esta assim castigada em sua nefasta politica napoleonica.

Sentimos deveras vêr a Grande França abatida por seus francezes pequenos que ha tempos a têm tão tristemente governado! Deus obriga Seus inimigos a servir-«O» e sam elles instrumentos reciprocos de castigo; a Providencia Divina tudo dispõe! Entenda-se bem, que não devemos desesperar da salvação da França, que por seus bons francezes conseguin do céu a sua conservação como Nação; porem não poderá ser conservada pelos que hoje fainam os gesta diaboli contra os gesta Dei per francoz!

A Inglaterra ficou fora da Triple-Alliança, pois que esta tem um caracter continental; e não foi feita contra a Grã Bretanha, sem que deixasse de ser prohibida qualquer complicação na Africa, onde parece terão de se chocar graves interesses internacionaes, que muito preoccupam a attenção bismarckina. A Russia não está de todo bem, nem de todo mal com Potencia alguma; poderá vir a fazer aliança de occasião. Corre pela Europa um telegramma que o povo de Portugal não viu; refere-se á Africa, segundo experimentado criterium, e sahiu da Allemanha. Ficamos aqui. A Hespanha, reforçando-se seriamente, ha-de vir a ser sollicitada. Os gabinetes vêem a guerra em prespectiva, temem-na poque não podem prevêr o que lhes resultará; aproveitam todas as occasiões para fallar de paz, chegam mesmo a prometter esta, mas preparando-se para guerrear. Ao mesmo tempo a Revolução-decidiada ameaça e trabalha para destruir quanto poder. e toda n'esta decisão toma differentes nomes nas varias partes da Europa e mesmo fora da Europa; até desafia os Governos que aliás têm a responsabilidade em muito de aquella existencia; e se a esta hora a contrariam ainda a acarecion! Quanto não é mais critica actualmente a posição da Europa do

que quando a julgava critica Lord Palmerston e disse que «o phosphoro podia produzir o incendio!» Façam o que fizerem os Governos e os Homens, os Designios de Deus hão-de ser satisfeitos! e esta verdadeira consideração e consideração verdadeira tranquilisa os Crentes e de obras de Crença! estes, assim preparados, estão aptos para todos os acontecimentos.

Se reflectirmos sobre o que se disse no Parlamento italiano no proximo passado abril, não será de todo mal lembrado o—«Caterina está ás portas de Roma! Fallou-se ali, como de cousa a esperar mais ou menos brevemente, de uma guerra com a França. Esta forte supposição fez dizer, a um profundo critico piemontez o seguinte: «Gambetta disse—Le cléricanisme voilà l'ennemi! Agora em Montecitorio (Parlamento italiano) se diz—La Francia, ecco il nemico.»

A França, em seu isolamento diplomatico, e em sua desorganização interna, não se arriscará a declarar a guerra na Europa, mas pôde ser obrigada de fora a isso. A Italia «só» não está mais forte, mas a Triple-Alliança a pôde animar á reivindicação da Saboya e de Niza, e á exigencia da Corsica e do Protectorado na Tunisia com a influencia no Mediterraneo. E tudo isto servirá muito á Prussia, ao Imperio Allemao, ao Grande-Chancellor. O Imperio austriaco terá mais uma vez a dar prova de bonomia? A nefasta politica Napoleonica, a quem e a quem Alpes, será, á final, mais uma vez castigada por Deos—alem e a quem Montes Alpinos, e o Castigo irá mais longe! Se na Bem-aventurança Eterna podesse haver pena de se não ter vivido mais n'este Mundo, os Justos de agora diriam: teremos desgosto, se não formos testemunhas do fim do fim de todo o alludido! Mas não, e bastar-lhes-ha o socego de consciencia por fazerem tudo da sua parte para o triumpho da Justiça! E esta ha-de triumphar porque é de Deos, de Deos que é Justo por Essencia!

Acontecimentos importantissimos serão, depois de planisados, postos em practica só com vistas humanas, mas Deos os obrigará a servir as Vistas Divinas; e o homem ficard homem, e Deos fica «O» que foi e será—Deos sem principio e sem fim!

Maio—4—83.

DOM ANTONIO DE ALMEIDA.

P. S.

No artigo—Roma e Pariz—publicado no numero de esta Revista, em 30 de abril proximo passado, onde se falla do Conselho Municipal de Pariz, e se al-

lude aos ataques feitos pela maioria do mesmo *Conselho* aos Interesses Catholicos e Moral de estes, tinha eu escripto «que elle (*Conselho*) ainda não tinha permittido em publico todas as deshonestidades» e foi publicado «honestidades por deshonestidades». *Ainda* lá não chegou.

D. A. DE A.

Secção Illustrada

A Cartuxa d'Evora—Fachada principal do convento

I

VAE ha uns cincoenta annos que o sopro devastador da Revolução varreu do solo da nossa patria querida as casas religiosas, os conventos, esses emporios da sciencia, da virtude e da caridade.

E apezar de meio seculo ter cretado essas paredes em ruinas, apezar dos rijos embates das ventanias, ha ainda por esse reino, casas que pertenceram aos frades, desafiando com sua teimozia em viver, os demolidores que nem coragem tiveram para de todo as envolver no pó da devastação. Erguem-se ainda em diversos pontos do paiz formosas reliquias de uma grandeza passada, para vergonha das gerações vandalias, que em nome do progresso, da civilisação e da liberdade destruiu o que levava muitas gerações a edificar, o que consumira fortunas importantes, o que constituia a verdadeira grandeza de Portugal.

Uma d'essas reliquias é a Cartuxa d'Evora, edificação magestosa, que se ergue a pequena distancia da cidade em meio dos escombros e da devastação liberalasca, como antes se elevava em meio das pompas e das bellezas que os bons religiosos souberam crear n'aquella estancia de paz e santidade.

Ilaverá dez annos que nós visitamos esta bella propriedade dos monges de S. Bruno, e choramos, com um hom velho que nos acompanhava, ao vêr tantas ruinas, ao vêr o desamparo a que fora lançada toda a vasta quinta e convento, e mais nos commoveu por não admirarmos já o estado de florescencia a que os bons padres haviam feito chegar aquelles vastissimos olivedos e laranjaes. Devia ser então ali o asylo da paz e do trabalho, assim como é agora a morada do deus da destruição, do deus que ergue o seu pendão sinistro em toda a parte onde se levante um monte de ruinas.

II

O arcebispo de Evora, D. Theotónio de Bragança, antes de ser elevado á alta

dignidade archiepiscopal, parece que residira algum tempo na Cartuxa de Tarragona, e tanto lhe agradou a regra que levavam os filhos de S. Bruno, que, em 1587, alcançou do geral da ordem o mandar-lhe alguns religiosos de Cartuxa de Tarragona. O proprio prior, Luiz Telmo e mais tres padres do dito convento foram enviados a estabelecer em Portugal a primeira comunidade de cartuxas.

A' chegada dos religiosos a Evora estava apenas principiada a obra do convento, e por isto pediu o arcebispo autorisação a Filippe II para que lhes podesse dar aposento nos paços reaes, onde com effeito entraram, e onde viveram em comunidade, recebendo novigos, etc.

A 15 de dezembro de 1598 foram trasladados para o novo convento, que, segundo dados verdadeiros, custou ao fundador mais de 150 mil cruzados!

D. Theotónio de Bragança, prevenido já em 1598 o que sob o dominio de um seu parente se havia fazer ás casas religiosas, fez doação do convento e mais bens da Cartuxa aos monges, por escriptura publica, impondo a condição de que se algum dia a comunidade viesse a acabar, reverteria tudo para o collegio das desamparadas, recolhimento tambem instituido pelo mesmo prelado.

Em 1834, a *liberdade* declarou bens nacionaes todos os conventos e a Cartuxa de Evora entrou no grande monte, sendo arrendada a casa e quinta por alguns annos. Julgando-se a casa pia de Evora com direito á herança dos monges cartuxos, por isso que lhe havia sido annexado o recolhimento a favor da Cartuxa pela falta dos frades, requereu ao governo e foi-lhe concedida a posse de tudo que era dos filhos de S. Bruno, e assim se conservou até que o governo, querendo crear mais um nicho para *santos* da ordem liberal, comprou á casa pia a Cartuxa com o fim de estabelecer ali uma quinta modello ou cousa que venha a dar na mesma. Crearam-se rendosos empregos, mas a Cartuxa continuou a cair e é só á queda d'aquelle venerando monumento que os empregados estão assistindo, se é que não comem em casa os *fructos do seu trabalho*.

Estava n'este gosto a fundação do arcebispo D. Theotónio de Bragança ha annos; não sabemos como estará ao presente.

O que sim temos a certeza é que aos seus donos não foi ainda restituída, e isto por que faria perigar a liberdade, e sobre tudo, e o que é mais importante, não o consente o Snr. Martins de Carvalho, do «Coimbricense».

R.

Secção Bibliographica

A Historia Verdadeira da Inquisição e a Imprensa portugueza e estrangeira

XII

DO «AFFONSO HENRIQUES», DE LAMEGO
(De 10 de janeiro de 1883)

«*Historia verdadeira da Inquisição*.—Recebemos o 5.º fasciculo d'esta interessante publicação que continua a justificar os merecidos creditos a que só tem direito as obras que se occupam de derramar a luz da verdade, dissipando erros os mais crassos e ignorantes.

Aos que blasonam conhecimentos e sciencia sobre a instituição da Inquisição recommendamos a leitura d'esta tão importante obra, e depois dirão se o seu juizo estava bem informado e eram justas as apreciações que faziam.

A Inquisição era um tribunal de terror, sim, mas para os apostatas, para os ladrões e devassos, emfim para essa triste porção do genero humano que é o flagello da sociedade e a deshonra da humanidade.

Os *recti corde* nunca viram na Inquisição mais do que um baluarte onde se resguardavam e mantinham a pureza da Religião e o respeito e a moral dos costumes.

O contrario que se diga é um absurdo, proprio de desvairados regalistas.»

O apostolado da educação.—Bento José Labre.—*Motivos da minha fé religiosa*.—O Snr. Marianno de Carvalho e o collegio de S. Fiel.

Guardamos o fallar de um livro, que nos fora offerecido e que deveras agradecemos, para quando os nossos leitores bem o conhecessem. *O apostolado da educação, conferencias recitadas na Sé do Porto por Monsenhor Rodrigues Viana, na quaresma de 1883* é um livro admiravel, e muito bem andou quem d'elle fez a edição em livro, para mais facil propaganda, para mais conhecido se tornár um trabalho que honra o paiz que tem por filho um orador de tal quilate. Porque Monsenhor Rodrigues Viana, digamol-o francamente, é o Padre Felix portuguez, é o orador sagrado que mais sabe entusiasmar os fleis, que mais bem os sabe levar, arrastados por uma eloquencia toda divina, aos mundos da eterna felicidade; porque a felicidade eterna só se antevê quando é demonstrada, de envolta com as mais poeticas flores, pelos labios do padre catholico.

As horas que passamos lendo as conferencias ácerca do *apostolado da edu-*

cação foram as mais agradáveis, as que mais nos commoveram, as que mais nos regosijamos haver passado sobre a terra. E o mesmo, crêmos, ha-de acontecer a todos que lerem um tal trabalho, e foi por isso que a redacção do «Progresso Catholico», antes que as mesmas conferencias fossem em livro publicadas, alcançou do illustrado auctor a necessaria licença para com ellas honrar as paginas da sua Revista, e dar, d'esta arte, a seus assignantes algumas paginas que valem bem mais que a importancia da assignatura da mesma Revista.

Aos nossos leitores nada temos que recomendar-lhe, por assaz conhecêrem a importancia da obra de que nos occupamos. Resta-nos apenas dar os parabens a S. Ex.ª R.ª Monsenhor Rodrigues Vianna, agradecer-lhe mais uma vez a licença que nos outhorgou e pedir a Deus que todas as quaesmas tenhamos de admirar novos trabalhos, fructos de uma tão robusta intelligencia.

—Um outro livro que nós quizeramos vêr em todas as mãos é o que a litteratura patria deve á penna apuradissima do Ex.º Sr. Conde de Samodães, e que tem por titulo—BENTO JOSÉ LABRE, ULTIMO SANTO INSCRIPTO NO AGIOLOGIO.

Livros como este, quando a imprensa, acobertada com uma falsa liberdade só cura de desvirtuar, de fazer atheas as multidões, deve ser recebido em meio dos applausos de um povo que presa as gloriosas tradições da sua raça. E ha de sel-o, porque tudo o recommenda—o assumpto, a approvação do Ex.º Cardeal, Bispo do Porto, e o nome do auctor, a quem damos os parabens por mais esta preciosidade que as letras lhe devem.

E' um volume de 142 paginas, impresso em magnifico papel, e custa 400 réis.

—Abundam os bons livros, e ainda bem que assim acontece. Tal é a praga das más leituras que infesta o nosso mercado litterario que nos devemos regosijar sempre que uma obra catholica é a elle lançado.

Motivos da minha fé religiosa é um outro livro que deveras recommendamos e recommendal-o-hiamos mesmo sem o lêr, por que nem o traductor, o Ex.º Sr. Conde de Samodães traduzia um mau livro, nem S. Em.ª o Sr. Cardeal D. Americo o approvava. Tem por isso o livro de que nos occupamos entrada franca em todas as casas catholicas, porque tem a approvação competente.

Fil-a:

«D. Americo, Cardeal Presbytero da Santa Igreja de Roma, Ferreira dos Santos Silva, do Titulo dos Quatro Santos Coroados, por Mercê de Deus e da Santa Sé Apostolica Bispo do Porto etc.

Aos que esta Nossa Provisão virem Saude, Paz e Benção em Jesus Christo Nosso Senhor e Redemptor.

Fazemos saber que Nos foi presente a obra intitulada—MOTIVOS DA MINHA FÉ RELIGIOSA—composta em lingua franceza pelo Padre E. Barthe, e traduzida em portuguez o annotada pelo Ex.º Conde de Samodães, pedindo-se-Nos houvessemos por bem approval-a e recomendar sua leitura. E considerando Nós que esta obra, verdadeira apologia da Fé Catholica, tem por fim principal corroborar a nossa crença nas verdades da Religião, não só combatendo os erros que lhe são adversos, mas demonstrando especialmente quanto ellas vão de harmonia com os dictames da razão humana, ainda mesmo nos dogmas que são superiores á sua comprehensão: attendendo a que a apresentação e defeza da doutrina catholica por esta fórma, de grande utilidade em todos os tempos, se torna quasi indispensavel nos nossos dias, em que é impugnada a fé em nome dos pretendidos direitos da razão: do *melhor grado Nos associamos plenamente aos muitos e illustrados Preludos d'outras dioceses, e com elles recommendamos a leitura d'esta obra a todos, mórmente áquelles cuja elevada cultura d'espirito mais os incita a adquirirem solida instrução para proveito proprio e ensinamento dos outros.*

Dada no Porto e Paço Episcopal sob Nosso signal e Sello aos 7 d'abril de 1883. (Logar do Sello.)

Americo, Cardeal Bispo do Porto.

Registada no Livro competente. Porto e Paço Episcopal 7 d'abril de 1883.

P.º Joaquim de Carvalho Moreira Pinto.»

E' editor d'este precioso livro, que custa 600 réis, o Sr. Mesquita Pimentel, Porto, a quem agradecemos a offerta de um exemplar e a quem os nossos leitores se podem dirigir pedindo-o, não lhe aprazendo mais fazer o pedido ao *Centro de Propaganda Catholica em Portugal—Guimarães*, que se encarrega do fornecimento de todos os livros meramente catholicos.

—Quem se não lembra de lêr no «Progresso Catholico» a noticia de que o Sr. Marianno de Carvalho, deputado, botara falla na Camara acerca dos jesuitas, e muito especialmente do Collegio de S. Fiel? Pois contra essa pedantesca falla investiu o Ex.º Dr. Mendes Lages, redactor principal da «Cruz do Operario», e com tanta valentia o fez, que o pobre homem nem ousou perguntar se era d'elle que se tractava. Meten a viola debaixo do braco e foi-se parvamente meter na sua obscuridade.

Bem feito! E' para se não meter a fallar do que não sabe, ou do que lhe mandam fallar. Os leitores que quizerem vêr como se depena um pintaíinho sem agua quen-

te, podem recorrer á leitura do folheto que leva este titulo:

O SR. MARIANNO DE CARVALHO E O COLLEGIO DE S. FIEL, etc., etc.

Custa 50 réis e vende-se em todas as livrarias.

Ainda não vimos pendurar um penitente e *cascar-lhe* tanto sem piedade. Mas, como já dissemos—E' bem feito!

A. DE GUIMARÃES.

Retrospecto da quinzena

JULGOU-SE que Roma, a cidade dos Papas, a capital de um imperio de 200 milhões de catholicos, seria uma grande cidade, ao baixar á dignidade de capital de Italia una. Como se enganaram os amigos da *liberdade!*

Escutemos Coccapieller, deputado, que assim fallou em plena camara: «Sou representante do povo de Roma, por que fui eleito pelo primeiro circulo d'esta cidade, para vir aqui dizer a verdade... Tem os Romanos durante doze annos ouvido muitas mentiras, muita parlapatice; mas é certo que Roma está morta, como ninguem o desconhece ha doze annos, a Italia nunca terá importancia: será pobre e miseravel, e os estrangeiros continuarão a rir-se, a lançar-lhe em rosto o desprezo com que a olham. Roma, como actualmente se acha, é um cemiterio, um pantano, podendo considerar-se a ultima cidade de Italia.»

E se a Roma, a cidade dos Papas, preza hoje do liberalismo é um cemiterio, o que será a Roma official, o interior dos palacios onde residem os *conquistadores* da capital do catholicismo?

Na Austria acaba o imperador de sancionar uma lei, para as escolas, que terminou como base do ensino a instrução religiosa, e que os professores pertençam á religião que professarem a maior parte dos alumnos.

Olhem se em Portugal se fazia o mesmo, onde iriam parar os professores da maior parte das escolas!

Os jornaes da capital trouxeram-nos a noticia de haver fallecido no dia 13 do corrente, pelas 2 e meia horas da tarde, no palacio da nunciatura, o seu auditor Monsenhor Sebastião Spagnoletti Zeuli, cubiculario supranumerario de Sua Santidade o Papa Leão XIII.

Sacerdote virtuoso e illustrado, o fallecido deixou o mundo na idade de 39 annos.

Era natural de Andrise e descendente da nobilissima familia dos Spagnoletti. Cursou a academia dos nobres em Roma, onde se formou nas disciplinas ecclesiasticas, em que era muito versado.

Em seguida a uma missão, de que fóra

encarregado pela cõrte pontificia, foi nomeado auditor da nunciatura de Munich, onde era representante do Summo Pontifice mousenhor Mazella.

D'ahi veio para Lisboa, acompanhando o mesmo monsenhor, que perdeu n'elle um amigo dedicado e um illustrado auditor.

E no seu posto foi accommettido por uma doença fulminante, que, em poucos dias, o pôde roubar á veneração dos seus admiradores, mas não pôde encontrar-o desprevenido.

Preparado com todos os Sacramentos da Igreja, a sua alma foi receber o premio das suas virtudes.

A camara ardente armada na nunciatura esteve patente para os ecclesiasticos, que ali foram celebrar o Santo Sacrificio.

Sentindo assaz a morte de um tão virtuoso e illustre sacerdote, damos por isso respeitosa pesames ao digno representante de Sua Santidade n'estes reinos.

Os povos de S. Thiago de Bougado tiveram o prazer de ver realidados os seus maiores desejos e coroados de feliz exito os seus trabalhos. No dia 10 de junho foi collocada no altar e exposta á veneração dos fieis a imagem do Sagrado Coração de Jesus, em meio das alegrias e das lagrimas, que sempre produzem os grandes contentamentos.

A santa imagem foi feita no Porto pelo escultor Oliveira, da rua de Santo André, e dizem-nos estar um trabalho primoroso. O acto da benção da imagem, foi precedido de pomposas festas, com missa cantada, etc., etc.

Deve-se este melhoramento, que muito concorrerá para mais affervorar o culto e devoção que se deve ao Santissimo Coração de Jesus, aos zeladores do circulo do Apostolado da Oração e liga do Coração de Jesus, d'esta localidade, que timbra em ser catholica, em se mostrar por todos os modos digna da admiração de todos os que se presam de bons catholicos.

A todos os nossos agradecimentos e parabens.

O praso para a recepção das prendas ou donativos offerecidos á Associação protectora dos operarios da Covilhã foi prorogado até ao dia 15 de julho proximo.

Abundam n'esta cidade os legados pios e de beneficencia, que provam o quanto os nossos maiores se entregaram ás praticas das virtudes christãs, e como em beneficio d'ellas sabiam dispor dos seus bens.

No dia 13 do corrente satisfiz a meza da Santa Casa da Misericordia o legado instituido pelo bemfeitor d'aquella casa,

Antonio Ribeiro de Faria, vestindo 12 pobres, 6 homens e 6 mulheres, da freguezia de Santa Eulalia de Barrozas. O vestido consiste em fatos completos e uma manta.

Como é bello, como o coração de um catholico se regosija ao encontrar á sávida da cidade, caminho da sua freguezia, aquelles doze entes a quem a fortuna não sorria* na terra, completamente vestidos, bendizendo a mão bemfeitora que assim soube exercer o santo preceito da caridade!

Todos os annos, em dia de Santo Antonio, doze pobres da mencionada freguezia abandonam os andrajos de pobreza para receberem vestidos novos com que resistir ás intemperies do tempo, com que resguardar os membros frios, gelados pelo gelo dos annos! Oh, santa caridade de Jesus! Como tu és grande, como tu te elevas acima das philantropias dos grandes da terra, e sem que para ti hajam louvores, sem que para ti hajam hymnos de festa, sem que os bajuladores te rendam cultos!

Os exercicios feitos em honra do Sagrado Coração de Jesus no vasto templo dos frades de S. Domingos mostram que a fé, as crenças do povo vimaranense, não esfriaram ainda. Se o nosso povo correu ao templo durante o mez de Maio para honrar a Virgem Mãe de Deus, nem por isso se esqueceu de lá ir honrar o Santissimo Coração de Jesus, no decurso do mez de junho. Não está extincta a fé; não arrefecera ainda no coração dos portuguezes esse santo entusiasmo que levava nossos maiores á conquista e á civilisação do mundo desconhecido. Louvores a Deus por isso.

E nós a julgar, em vista do que as gazetas da geringonça nos diziam todos os dias, que haviamos chegar a tempo de nem igreja ter para ir resar! Como nós nos enganavamos! A devoção dos mezes de Jesus e Maria, novas entre nós, cada dia mais se generalisam, e tudo nos leva a crer que de anno para anno ellas serão o enlevo de todos os catholicos; e queira Deus que assim seja.

Pelo que não devemos admirar-nos quando formos velhos virmos os templos mais repletos de fieis do que agora e se até virmos as ruas cheias de frades, como agora vemos de irmãs da caridade. (Que não saiba isto o snr. Joaquim do Conimbricense).

Um inglez berrou ha tempos nas camaras de Inglaterra contra Portugal. Nós não protestamos contra o pedantesco arengar do tal sujeito, porque o nosso protesto é lavrado contra os governos que teem levado o nosso paiz ao estado a que temos chegado; não nos admirando, por isso, que assim sejamos tratados, mesmo pelos nossos fieis alliados.

Mas se pedantescamente fallou um membro da camara ingleza, não fallou menos pedantescamente o «Vanity Fair» quando, occupando-se de Portugal ácerca da questão do Congo, diz:

«São maravilhosos os resultados dos melhoramentos de communicações em um paiz como Portugal. Em todos os pontos do seu territorio se vê que o povo é bem alimentado, bem vestido e está bem domiciliado, o que é prova de bem-estar geral. E' mais raro encontrar alli um mendigo do que na Inglaterra; comparando a mendicidade que ha em Italia e em Hespanha, poderá asseverar-se que em Portugal não existe.»

Isto é simplesmente o contrario do que acontece em Portugal; porque o povo, geralmente, é mal alimentado, mal vestido e mal domiciliado.

O povo é mal alimentado porque ganha pouco, e esse pouco é cerceado pelo fisco. Mal vestido porque é o povo, unico na Europa, que vive, digamolo francamente, quasi por vestir.

Mal domiciliado porque, pode dizer-se, na mór parte das povoações não ha casas em verdadeira condição de as habitarem.

E a miseria! A mendicidade! Não ha miseria em casa do Sr. Fontes nem dos que vão buscar agua á mesma *Fonte*, mas todos sabem que ella abunda por toda a parte. Não fossem as conferencias de S. Vicente de Paulo, as Associações das Filhas de Maria, e outras muitas, que substituem a caridade que exerciam os frades, e que a expoliação dos governos *liberaes* fez desaparecer, e nós veriamos todos os dias e a cada esquina o cadaver de uma victima da fome.

Mas escreve-se assim hoje a historia de um paiz! Parece que o artigo do «Vanity Fair» foi de encomenda, como muitos que o gazetismo publica n'este paiz, preza ha muito da intrujisse que o domina.

O «Commercio do Porto», de 15 de maio, publicou uma correspondencia do Funchal, de que extractamos a seguinte triste noticia:

«No dia 26 do mez ultimo presencouse n'esta cidade uma scená bastante commovente. Novecentos e sessenta emigrantes, homens e mulheres, se despediam das suas familias entre lagrimas e ais doridos. Eram 960 infelizes que se destinavam para as ilhas de Sandwich, no vapor «Hankow», que se achava ancorado no porto do Funchal.

Viam-se velhos paes abraçados a seus filhos, a darem uns aos outros o saudoso adeus.

Algumas mulheres, logo que subiam a tolda do vapor, ajoelhavam com os filhinhos nos braços, e com as faces cobertas de lagrimas oravam á Mãe Santissima, á Senhora do Monte, cuja igreja

do mar se descortina n'um alto dos suburbios do Funchal.

Foi uma scena triste que não se pode presenciar a olhos enxutos. Todavia ella ha-de repetir-se breve, porque em julho vai haver outra leva de emigrantes, e a situação da ilha a isso compelle lavradores e operarios, porque atravessamos crises cujos efeitos ahi se estão manifestando na fome, que assalta os casaes do norte e sul da ilha; isto são consequencias das estiagens e depois os vendavaes de que tem sido victima esta terra.

As plantações de batatas e de todas as outras substancias agricolas, foram destruidas por uma doença terrivel.

A colheita da canna de assucar foi diminuta.

No norte da ilha ha mais de 4:000 pessoas sem trabalho, e eis a razão porque a fome com todos os seus horrores está invadindo a morada dos artistas e jornaleiros. Ai de nós se o governo não providencia!

O governo! Quem pôde contar com os homens que se acham á testa da governação publica em Portugal? Se este paiz tivesse quem deveras se interessasse pelo bem estar dos povos; se a não do Estado fosse dominada por quem olhasse as necessidades publicas não se gastava dinheiro em subsidiar theatros, em premiar cavallos, e nem o primeiro magistrado iria em passeio, esquecer-se das desgraças que affligem um povo de quem se diz rei. O logar dos reis é entre o seu povo, mórmente quando elle tem fome. Fome! E o principe que preside aos destinos de uma nação que tem uma provincia importante onde o povo tem fome vae, transpondo as fronteiras do reino, passar algum tempo entre festas apparatusas, entre as alegrias de opiparos jantares e as folias de luxuosos bailes!

Um jornal maçonico da capital davanos ha dias a noticia que se segue:

«Tomou posse do Malhete de Grande-Mestre da Maçonaria Symbolica o ex.^{mo} snr. conselheiro José Dias Ferreira, que foi elevado a este alto cargo por unanimidade de votos de todas as Lojas Symbolicas hoje registradas debaixo da obediencia da Gr.^{ta} Loja Symbolica dos Maçons Antigos livres e accéites.

Não podia ser melhor a escolha quando se trata de reorganisar em Portugal a maçonaria, de lhe dar o prestigio que lhe pertence em todos os paizes cultos—porque s. ex.^a pelo seu incontestavel talento, pela sua conhecida energia e o seu provado amor aos principios liberaes, tem todos os dotes necessarios para levar a bom exito tão importante empreendimento.»

Não commentamos a noticia, só faremos nosso reparo em se dizer que o Snr. Dias Ferreira é digno do alto cargo

de geringonça pelo seu provado amor aos principios liberaes.

Bem sabemos nós que liberaes e mações são uma e a mesma coisa, porque temos *A Maçonaria Desmascarada*, *O Liberalismo Desmascarado*, *A Maçonaria e os Jesuitas*, e ficamos bem convencidos d'esta verdade. Recommendamos a todos a leitura de taes livros e damos os parabens aos chafariqueiros pelo novo Gran.... Mestre.

J. DE FREITAS.

O nosso collega portuense.
«A Palavra», deu principio ao seu XII anno de publicidade; felleitamol-o por isso.

BOLETIM DO MONUMENTO

PIO IX, O GRANDE

XXXVI

18 de julho de 1882

FAZ hoje um anno que o Ex.^{mo} R.^{mo} Snr. Arcebispo de Braga, por entre as aclamações de dez mil pessoas collocava a primeira pedra para o monumento que Portugal havia erguer ao maior homem do seculo dezenove.

Um anno! Durante este tempo que havemos nós feito? Nada! Os leitores do *Progresso Catholico* é que muito teem feito, que desde então, depois que entregamos o producto da 1.^a subscrição fizeram que nós já entregassemos DUZENTOS E TANTOS MIL RÉIS da segunda, e nos ajudaram a propagar o *Hymno do monumento*, que é outro monumento erguido ao Pontífice Rei, ao Pontífice do Syllabus.

Sim, senhores, aos assignantes do *Progresso Catholico* devemos o estar o *Hymno do monumento* espalhado por varias terras do paiz e ser tocado já nas seguintes localidades: Cabeceiras de Basto; Braga; Santarem; S. Torquato; Alemquer; Villa Real; Sernancelhe; Lisboa; Evora; Villa Nova d'Ourem; Peçegueiro; Santa Cruz; Aveiro; Arcos de Valle de Vez; Amares; Aldeia Gallega do Ribatejo; Alcoutim; S. Pedro do Sul; Othã; Guarda; Estremoz; Lamego e Covilhã. E nas Ilhas: Angra do Heroismo; Funchal e Ilha de S. Miguel.

Em todas estas terras foi já tocado ao piano, sendo tocado na Covilhã por uma philharmonica a primeira vez na festa do mez de Maria, e será cantado e tocado na mesma cidade, pelas alumnas do Collegio de Nossa Senhora da Conceição em todas as grandes festas da casa!

De Lamego dizia-nos um amigo:

A banda de infantaria 9 brevemente locará o hymno na festa do Sagrado Coração de Jesus, e o mestre da philharmonica do seminario fará executal-o na festa de S. Luiz Gonzaga.

Uma senhora d'Aveiro a quem mandamos alguns exemplares dizia-nos: Agradeço o mandar-me os hymnos, que já passei e ainda passarei mais. Todas as senhoras a quem pedi para ficar com elles se mostraram satisfeitas por possuir uma musica que tanto desejavam.

Pouco temos feito para mais o espalhar, porque o trabalho que nos peza é grande; mas a pouco e pouco, porque não somos para grandes marchas, chegaremos a toda a parte, e quando em todas as terras portuguezas se tiver cantado e tocado o Hymno, pediremos licença a Camões para dizer com elle:

E se mais mundo houvera, lá chegara.

O Hymno no estrangeiro já fez alguma cousa, e d'isso fallaremos no proximo numero, que não temos agora tempo.

O hymno e a imprensa do paiz

Principiamos hoje reproduzindo o que a imprensa tem dito a tal respeito, transcrevendo da «Nação» o seguinte:

«*Hymno*.—Recebemos o hymno do monumento a Pio IX o Grande, composto para ser tocado e cantado nas ruas e praças de Guimarães e no alto da serra de Santa Catharina, no dia 18 de junho de 1882, por occasião das festas que se fizeram ao ser collocada a primeira pedra para o monumento.—Letra do ex.^{mo} sr. dr. João de Lemos Seixas Castello Branco, musica do ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. padre Eugenio da Costa Araujo Motta.

A edição é feita pela redacção do *Progresso Catholico* e pela mesma dedicada á memoria do immortal Pontífice Pio IX.—Preço 300 réis.—O producto da venda d'este hymno reverte a favor do monumento.

Podemos asseverar, sem favor e sem espirito de fazer réclame, que a musica está muito bem escripta; a respeito dos versos bastará dizer que são do nosso mimoso poeta.»

(«Nação» de 15 de maio de 1883.)

Segunda subscrição recolhida pela redacção do «Progresso Catholico» para as obras do monumento.

Dos Ex.^{mos} e Ex.^{mas} Snr.^{es}:
D. M. N. Costa, 2\$000—Julio Bernardo, 500—Padre José Joaquim de Campos, 200—Somma..... 2\$700
Transporte do n.º 14..... 218\$230

Somma..... 220\$930

Concluimos este Boletim pedindo á Commissão que não espere que tenhamos outros 200\$000 réis para nos participar o estado em que estão as obras; os amigos entusiastas do chorado Pontífice desejam saber-o antes.

TEIXEIRA DE FREITAS.